

## **A TRAJETÓRIA DE MARIA GRAHAM NO IMPÉRIO DO BRASIL: ESTUDO DAS REDES DE SOCIABILIDADES NO INÍCIO DO SÉCULO XIX**

### **MARIA GRAHAM'S TRAJECTORY IN THE EMPIRE OF BRAZIL: A STUDY OF THE SOCIABILITIES IN THE BEGINNING OF THE 19TH CENTURY**

Flaviana Aparecida da Silva<sup>1</sup>

#### Resumo

Mediante os estudos da história das mulheres, sabemos que elas foram personagens atuantes em diversas áreas da sociedade. As mulheres estavam presentes na botânica, nas letras, nas oficinas, nas indústrias, na imprensa, nos hospitais e nas viagens marítimas. Elas realizaram viagens ao redor do mundo e publicaram relatos de suas impressões dos territórios visitados. Neste cenário está presente a inglesa Maria Graham, personagem que se destaca na historiografia brasileira. Maria Graham visitou o Império do Brasil entre os anos de 1821 e 1825. Durante este período ela manteve redes de sociabilidades que foram fundamentais para sua permanência no Império. Deste modo, este artigo objetiva analisar as redes de sociabilidade de Maria Graham durante a estadia no Império do Brasil. Para a realização da pesquisa, utilizamos como fontes o *Diário de uma viagem ao Brasil*, e cartas trocadas entre a viajante, José Bonifácio e a Imperatriz Leopoldina. A pesquisa torna-se relevante ao trazer a trajetória feminina europeia no Império do Brasil, observando as negociações e agenciamentos realizados por uma mulher para tentar sobreviver e se inserir no cotidiano do “Novo Mundo”.

Palavras-chave: Maria Graham; Império do Brasil; Redes de Sociabilidade; Viagens.

#### Abstract

Through the studies of women's History, it is known that they were acting characters in many fields of society. Women were present in botany, letters, workshops, industries, the press, hospitals and sea travels. They accomplished travels all around the world, and published reports of their impressions about the territories they visited. In this setting there is the presence of the Englishwoman Maria Graham, character that stands out in

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Doutorado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Brazilian Historiography. Maria Graham visited the Empire of Brazil between the years of 1821 and 1825. During this period she maintained sociability networks that were fundamental for her permanence in the Empire. This way, this article aims to analyze Maria Graham's sociability networks during her stay in the Empire of Brazil. For the writing of this research the sources used were: *Journal of a Voyage to Brazil* and letters exchanged between the traveler, José Bonifácio and Empress Leopoldina. The research has its relevance because it brings the female European trajectory in the Empire of Brazil, noticing the negotiations and actions performed by a woman trying to survive and insert herself in the everyday life of the "New World".

Keywords: Maria Graham; Empire of Brazil; Sociability Networks; Travels.

### Introdução

Durante o século XIX, a América recebeu inúmeros viajantes. Este período é marcado pela ascensão das viagens marítimas que, em decorrência das transformações nos meios de transporte, das comunicações e das ciências, possibilitaram o aumento das expedições. Embora as mulheres não fossem a maioria da tripulação, elas estavam presentes nas embarcações. Dentre as mulheres que viajaram no início do século XIX, encontramos uma personagem cuja trajetória se destaca na historiografia brasileira: Maria Dundas Graham, ou apenas, Maria Graham. O presente artigo tem como objetivo apresentar as redes de sociabilidade de Maria Graham durante sua estadia no Império do Brasil, observando os personagens inseridos em suas relações sociais e analisar de que maneira estas redes foram importantes em sua trajetória no território.

Maria Graham nasceu na Inglaterra em julho de 1785. Filha de um Almirante Real da Marinha Britânica, as viagens fizeram parte da sua vida desde o período da juventude, onde acompanhou seu pai em viagens para a Índia em 1808. Além de viajante, Maria Graham escreveu livros de história, artes, contos infantis e literatura de viagem. Portanto, ela estava inserida no campo das letras, e, também, na botânica e nas artes, já que realizava atividades de história natural para instituições científicas na Inglaterra, e produziu ilustrações da flora e do cotidiano dos lugares visitados (GOTCH, 1937).

Maria Graham casou-se com Thomas Graham, um escocês que ocupava o cargo de capitão da Marinha. Acompanhando-o em uma das viagens a serviço da Marinha Britânica, ela chegou ao Império do Brasil em setembro de 1821 a bordo da fragata *Doris*.

O casal visitou as províncias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Um ano depois eles foram para o Chile, porém, Thomas Graham que já estava muito doente, e faleceu durante a passagem pelo Cabo de Horn. Apesar de estar sozinha e distante de sua terra natal, a inglesa continuou sua viagem pelo Chile, e em 1823 retornou ao Império do Brasil, e ocupou o cargo de professora das princesas imperiais, residindo na Corte por aproximadamente um mês (GOTCH, 1937).

Maria Graham retornou a Inglaterra em 1825, após um período de cerca de cinco anos na América do Sul. Anos depois ela se casou novamente, e seu segundo marido era um renomado pintor, Augustus Callcott. A viajante faleceu em 1842, devido a uma doença que sofreu por boa parte de sua vida, a tuberculose (GOTCH, 1937).

Embora não seja o foco deste artigo abordar as discussões políticas, gostaríamos de elucidar algumas questões a respeito do contexto em que Maria Graham estava inserida ao chegar à América. A situação da Europa, em princípios do século XIX, era conturbada. Napoleão, após dominar parte dos territórios europeus, almejava, também, o poder do oceano e, para isso, teria de dominar os britânicos. A dominação ocorreu através do bloqueio continental da Grã-Bretanha, ou seja, os países europeus não poderiam comercializar nem ter acesso aos seus portos (SILVA, 2011). Após a tentativa de manter a posição de neutralidade, Portugal optou pela transferência da Corte à América e se alinhou aos ingleses para a proteção político-internacional e preservação dos territórios ultramarinos (SCHWARCZ, 2002). A Coroa foi obrigada a escolher entre “a invasão do território ou a perda das colônias” (RICUPERO, 2011, p. 119).

Nesse momento, fortaleceu-se a aliança anglo-lusitana. Os ingleses tinham uma parceria econômica com Portugal e precisavam de seus portos. Contudo a aliança não era recíproca, pois havia uma desigualdade a partir da qual a Inglaterra desfrutava de concessões, favores e poder em relação a Portugal. Os portugueses eram dependentes do poder naval britânico, e essa dependência adquiriu seu ápice na transferência da Corte, pois, além de oferecer a escolta naval, a Grã-Bretanha era a única garantia para a restauração do território, caso este fosse invadido pelos franceses (RICUPERO, 2011).

A Inglaterra apresentava interesses políticos e econômicos na América do Sul, sendo o comércio o principal aspecto da economia britânica no continente<sup>2</sup>. Com a

---

<sup>2</sup> A Grã-Bretanha mantinha representantes diplomáticos no Brasil monárquico. Entretanto o mesmo não acontecia no Chile e no Peru. A América do Sul teve dois comandantes navais. Entre 1816-1819, William Bowles assumiu o comando e, em 1819, Thomas Hardy iniciou o trabalho de quatro anos (VALE, 2001).

abertura dos portos, em 1808, foi possível que os ingleses mantivessem o controle do comércio na América Portuguesa. Entretanto, com o fim das guerras napoleônicas, era preciso garantir que esse domínio continuasse e, para isso, foi de suma importância a presença naval nas águas sul-americanas e de comerciantes no território.

Os comerciantes britânicos vieram em massa para a América do Sul<sup>3</sup>. Em 1820, por exemplo, não havia menos que 300 deles atravessando o Atlântico anualmente (VALE, 2001). Nesse sentido, as revoluções sul-americanas do início do XIX foram fontes de interesse na Europa,

Esses viajantes de princípios do século XIX eram frequentemente enviados para o “novo continente”, por companhias de investidores europeus, como especialistas à procura de recursos exploráveis, contatos e contratos com as elites locais, informações sobre possíveis associações, condições de trabalho, transporte, mercados potenciais e assim por diante (PRATT, 1999, p. 252-253, grifo da autora).

Quando Maria Graham chegou ao Reino do Brasil, em 21 de setembro de 1821, Recife encontrava-se em estado de sítio após uma reação de oposição e insatisfação com o governo de Luís do Rego e formação do movimento conhecido como Junta de Goiana. As mulheres viajantes, apesar de ocuparem um espaço de servidão, devido às questões de gênero, tinham privilégios de raça e classe (PRATT, 1999), e Maria Graham, ocupando o papel de “representante” da Grã-Bretanha, obteve diversos favores, benefícios e acesso aos espaços no Brasil Imperial. E, através dessas clivagens, esteve inserida em redes de sociabilidade com pessoas que ocupavam cargos de importância no período.

Maria Graham tinha redes de sociabilidade nos lugares aos quais visitou. Quando esteve na Índia, por exemplo, foi recebida por Lorde Minto (1751-1814), governador-geral entre 1806 e 1814. Em Calcutá, residiu na Casa do Governo. No Chile, frequentou a casa de O’Higgins, Juiz Prevost e Lorde Cochrane, mantendo relações com a elite crioula e expatriados. Silva (2019) utiliza o termo “alianças” para analisar as relações com a elite local. A historiadora informa que essa aliança proporcionou à Maria Graham a coleta de informações e sua entrada em espaços não acessíveis. Essa aliança foi possível, principalmente, pelo fato de ela ser britânica. Segundo a autora, nos encontros realizados, Maria Graham conhecia o público e o privado, participava de discussões políticas e

---

<sup>3</sup> Segundo Ricupero (2011), o comércio da Grã-Bretanha com o Brasil teve iniciativa de 113 comerciantes de Londres, que, em 1808, estabeleceram a Sociedade dos Negociantes Ingleses que traficam para o Brasil. E, em 1811, 75 estabelecimentos comerciais britânicos já estavam instalados na cidade do Rio de Janeiro.

conhecia o feminino, descrevendo as vestimentas das mulheres e o espaço do interior das casas.

O presente trabalho realizou o mapeamento das redes de sociabilidade de Maria Graham no Império, privilegiando a análise de algumas relações sociais, tendo em vista que a inglesa se relacionou com diversas pessoas durante a estadia no território. Por essa razão, selecionamos algumas relações e verificamos os personagens envolvidos e os cargos ocupados por eles, observando os papéis dessas redes de sociabilidade em sua trajetória no Império. Para a realização da pesquisa, utilizamos como fonte o *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada neste país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*, e cartas trocadas entre Maria Graham, a Imperatriz Leopoldina e José Bonifácio.

O *Journal of a Voyage to Brazil* foi publicado em 1824 na Inglaterra. O documento é uma fonte importante de informações sobre a natureza do território, o cotidiano, o social e o político, já que a autora forneceu detalhes do processo de independência do país. Para fins de melhor fluidez da leitura do artigo, utilizaremos a versão traduzida da obra realizada pelo renomado historiador Américo Jacobina Lacombe.

As cartas trocadas com José Bonifácio e a Imperatriz Leopoldina estão inseridas no *Diário de uma viagem ao Brasil*, e no livro *Correspondências entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*, ambas publicações da Biblioteca Nacional.

A corrente teórica adotada no presente artigo utilizou o conceito de redes de sociabilidade dos autores Jean-François Sirinelli, Maurice Agulhon e Pilar Gonzáles Quirós. Entretanto, cabe destacar que os conceitos de redes de sociabilidade, redes sociais e relações sociais podem ser utilizados de diferentes maneiras pelas correntes teóricas e pelos estudiosos<sup>4</sup>. Recentemente, Niall Ferguson, historiador britânico, publicou a obra A

---

<sup>4</sup>Para ilustrar a discussão referida, gostaríamos de mencionar o estudo de Alexandre Mansur Barata, *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822)*, onde analisa os elementos de incorporação da sociabilidade da maçonaria no Brasil, observando sua atuação interna e externa. Na sociabilidade maçônica, havia trocas culturais entre Brasil e Portugal, além de interação e interferência nas discussões que permeavam o espaço público. O historiador acredita que “a vivência propiciada pela sociabilidade maçônica foi importante no aprendizado das práticas representativas e no forjar de uma cultura política, onde o exercício da soberania passava das mãos do rei para as da nação” (BARATA, 2002, p. 314). Já na perspectiva do gênero, Ana Beatriz Mauá em *Tan criolla, criolla como yo: identidade, política e gênero nas correspondências de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, 1926-1956*, trabalha com as escritoras latino-americanas Gabriela Mistral e Victoria Ocampo. A historiadora, ao examinar as trocas epistolares entre as duas mulheres, afirma que ambas constituíram uma rede de sociabilidade literária e intelectual com outros escritores e artistas, fato este que ajudou na potencialização de seus trabalhos. Através das redes de sociabilidade, foi possível observar os diálogos sobre projetos estéticos e literários, os favores literários e a articulação para que obtivessem reconhecimento. Gabriela Mistral e Victoria Ocampo (...) “foram capazes de construir para si próprias redes de sociabilidade intelectual com importantes figuras do mundo letrado hispano-americano. Ao estabelecerem essa interlocução, conseguiram promover

*Praça e a Torre: Redes, Hierarquias e a Luta pelo Poder Global*, em que analisa a história das redes sociais e das hierarquias, observando a maneira pela qual essas estruturas influenciaram determinados acontecimentos na sociedade. Para ele, as redes sociais

são estruturas que os humanos formam de maneira natural, começando com o próprio conhecimento e as várias formas de representação que utilizamos para comunicar esse conhecimento, assim como, sem dúvida, as árvores genealógicas às quais todos nós necessariamente pertencemos, mesmo que apenas alguns dentre nós tenham um conhecimento genealógico detalhado” (FERGUSON, 2018, p. 55).

Ferguson acredita que a história deve ser pensada através do estudo da dinâmica das redes sociais, e, portanto, sua obra observa os papéis das redes em movimentos sociais, revoluções e avanços tecnológicos.

No Império do Brasil, Maria Graham esteve inserida em uma rede de sociabilidade onde estabeleceu contato com governadores, cônsules, ministros, desembargadores e a Família Imperial. Sociabilidade diz respeito às práticas sociais que um grupo de indivíduos desempenha, considerando as formas afetivas – positivas ou negativas. Já o termo rede refere-se aos espaços de interação social, embora não seja preciso que todos os personagens participantes da rede “conheçam ou compartilhem os espaços de sociabilidade” (QUIRÓS, 2009, p. 22). Por essa razão, o diálogo entre o conceito de redes e sociabilidade é fundamental para pensar esse universo relacional e as interações da viajante Maria Graham com a elite política. De acordo com Agulhon (1984) apud Quirós (2009, p. 7), “todo grupo humano, seja ele definido no espaço, no tempo ou na hierarquia social, tem sua sociabilidade, de certa forma por definição, cujas formas específicas devem ser analisadas”. Desse modo, para o autor, a sociabilidade é encontrada em toda relação humana, seja por meio da afabilidade ou brutalidade.

Todo grupo de intelectuais organiza-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Os espaços de sociabilidade são estruturas marcadas pelas experiências e determinados pela temporalidade. As estruturas de sociabilidade, segundo Sirinelli (2003), mudam de acordo com a época e o subgrupo estudado. A base dessas redes pode ser compreendida através da idade, de estudos em comum, atração e amizade, ruptura e

---

seus trabalhos pessoais, ao mesmo tempo em que colaboravam com a organização de uma rede de escritoras e artistas na mesma condição” (NUNES, 2019, p. 42).

rancor, hostilidade e rivalidade. Nesse sentido, também é nosso objetivo entender como as redes de sociabilidade se colocam na trajetória de Maria Graham no Império, pois, entre idas e vindas ao território, a vida da viajante teve mudanças, visto que ela perdeu o marido, a ligação direta com a fragata *Doris* e, conseqüentemente, as relações sociais ampliaram-se.

### **As redes de sociabilidades no Império: a província de Pernambuco**

A fragata *Doris* chegou à costa do Reino do Brasil em 21 de setembro de 1821, ancorando a oito milhas de Olinda, antiga capital da província de Pernambuco. Durante o período de estadia, Maria Graham se aproximou e teve contato com lideranças políticas da região. É importante compreender o vínculo e os personagens que compõem as redes de sociabilidade da viajante, pois os relatos produzidos são, em grande medida, interferidos pelos espaços e pelas pessoas citadas pela autora. Desse modo, nas redes de sociabilidade de Pernambuco, selecionamos a análise das relações entre a família de Luís do Rego e os membros da Junta do Governo Provisório.

Havia uma recomendação para que Maria Graham permanecesse dentro do navio, já que a região em estado de sítio poderia ser perigosa. Entretanto, a inglesa não seguiu a orientação e foi com os guardas-marinha procurar a esposa do governador no palácio. Era comum para os viajantes ingleses visitarem e se apresentarem à liderança local ao chegarem a um novo destino. Eles foram recebidos pelo coronel Patrone, pois Luís do Rego estava presente em outra reunião. Essa é a primeira menção no diário do contato com a família do governador. Apesar de não citar detalhes da primeira visita, podemos perceber que os nomes dos membros da família já eram de conhecimento na fragata.

Na narrativa, verificamos que as redes de sociabilidade envolviam assuntos ligados ao contexto político da época, tendo em vista que a finalidade da viagem à América foi defender os interesses britânicos durante o processo de Independência. Sirinelli (2003) afirma que as pessoas que compõem as redes de sociabilidade, no geral, compartilham interesses e objetivos em comum. Deste modo, é possível perceber que a interação política está presente nas práticas sociais da viajante, e os personagens estão envolvidos no processo de independência do Brasil.

Aproximadamente uma semana depois da chegada em Pernambuco, Maria Graham se hospedou na casa de Luís do Rego para realizar passeios e visitas. Eles visitaram as linhas de defesa da cidade, o mercado e, também, a cidade de Olinda. Para

além dos passeios em espaços públicos, a viajante participou de um jantar na casa do governador com a presença de oficiais. De acordo com Silva (2019), os encontros sociais, como jantares, festas e visitas, facilitavam a relação entre o público e o privado.

No dia 30 de setembro de 1821, a viajante escreveu:

Nossa recepção foi a mais cordial. Sua Excelência ocupou uma das cabeceiras da mesa, um ajudante de ordens a outra. Eu fiquei sentada entre o Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Luís do Rego. Ele parecia contente por falar de seus velhos amigos ingleses da guerra da península, com muitos dos quais eu me dava. A Sr.<sup>a</sup> tinha muita coisa que perguntar sobre a Inglaterra, onde ela estava ansiosa para ir (GRAHAM, 1956, p. 123).

Além dos passeios realizados com a esposa de Luís do Rego, podemos confirmar a relação de amizade com a família através de sua primeira despedida, em 13 de outubro de 1821, quando a esposa do governador lhe deu amostras de ametistas, pedras e minério de ouro, referindo-se a eles como “amáveis amigos do palácio” (GRAHAM, 1956).

Apesar da relação de amizade com Luís do Rego, Maria Graham teve contato com o grupo que fez oposição ao seu governo<sup>5</sup>. Junto com alguns tripulantes da *Doris*, Maria Graham foi até o palácio do governo provisório pedir a liberação das roupas e o fornecimento de provisões frescas para a fragata. Assim que chegaram ao local, foram informados sobre o interesse da Junta na presença da viajante durante a reunião. Tendo em vista que a cena era incomum às mulheres daquele período, Maria priorizou dar ênfase no momento em que teve autonomia<sup>6</sup>, detalhando os móveis e, principalmente, a posição na qual se encontrava: em uma sala majoritariamente composta por homens que cumpriam a função de senadores e generais, sendo a única mulher na discussão política<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> A Junta Governativa que fez oposição a Luís do Rego foi formada na vila de Goiana, interior de Pernambuco, por senhores de engenho e militares que participaram da Insurreição Pernambucana de 1817. Foi instalada em 21 de agosto de 1821 e coexistiu com a Junta de Governo, liderada por Luís do Rego, e ambas disputaram o controle da província até final de outubro do mesmo ano. A Junta Provisória tinha como base os princípios constitucionalistas de Portugal e objetivava a expulsão de Luís do Rego e a realização de novas eleições (SORGINE, 2005).

<sup>6</sup> Segundo Porto (2018), a autora possuía a intencionalidade na produção de fontes documentais primárias através de seus testemunhos, além de ter uma consciência da importância histórica desse conflito na província pernambucana.

<sup>7</sup> Ver relato: “Vi então que iria defrontar com a plena força do governo provisório. Ao fim de um longo e sujo quarto, que fora em tempos belo, como indicavam a forma das janelas e o estuque dos painéis em que havia traços de cor e de douração, estava um velho sofá de crina no centro do qual fui colocada, com Mr. Dance de um lado e Mr. Glennie de outro. Junto a Mr. Dance sentou-se o pequeno secretário e adiante dele nosso intérprete, em cadeiras de espaldar alto à moda antiga. O resto do mobiliário da peça consistia em nove assentos de diferentes tamanhos e formas, colocados em semicírculo em frente ao sofá. Em cada um sentou-se um dos membros da Junta do governo provisório que fazem o papel de senadores, ou generais, conforme exigem as circunstâncias. Fui apresentada a cada um deles. (...) Informaram-me amavelmente que não leriam a carta enquanto eu estivesse esperando fora, mas logo que se sentaram o secretário leu-a alto” (GRAHAM, 1956, p. 128-129).



A demora pela volta dos viajantes preocupou o ex-governador, que chegou a oferecer um grupo para procurar a inglesa. Entretanto Thomas Graham negou a ajuda e informou que, se os patriotas detivessem o tenente enviado junto com o grupo, ele próprio iria buscá-la com seus homens. Todavia, não teve medo com relação ao bem-estar de Maria Graham, pois estava na companhia de Glennie e Dance<sup>8</sup> (GRAHAM, 1956). Podemos perceber, em sua escrita, a intenção de demonstrar que tinha autonomia e até mesmo domínio para atuar nas situações de conflitos, uma vez que foi negociar com os membros da Junta do Governo Provisório, e não seu marido, o capitão da Marinha. Porém, ao mesmo tempo em que busca demonstrar essa relação de poder, Maria Graham não deixou de mencionar que estava na companhia de dois homens em quem seu marido confiava e, portanto, apresentou uma autonomia na qual era necessária a presença masculina.

Ao final da conversa, as roupas e provisões foram liberadas. No entanto, o destaque no texto de Graham é o interesse da Junta pelo apoio da Inglaterra, bem como o discurso de injustiça dos membros pelo ex-governador, Luís do Rego. No dia 3 de outubro de 1821, a autora disse:

[...] Em vez de tomar qualquer conhecimento do conteúdo, o secretário começou um longo discurso, expondo a injustiça do governador português e do governo em relação ao Brasil em geral e aos pernambucanos em particular. [...] A junta estava extremamente ansiosa por saber se havia a probabilidade de reconhecimento pela Inglaterra da independência do Brasil, ou se ela tomaria alguma participação na luta. Muitas foram as perguntas, feitas de formas muito diversas, que o secretário nos dirigiu a respeito (GRAHAM, 1956, p. 129-130).

A interação de Maria Graham com Luís do Rego e a Junta de Goiana demonstra que essas redes não eram constituídas apenas de atores com interesses em comum. Dentro dessas redes, há conflitos políticos, e a viajante, apesar de afirmar sua neutralidade, se posiciona ao defender a separação de Brasil e Portugal ao longo da narrativa do diário.

Ao apresentar as redes de sociabilidade de Pernambuco, constatamos a obtenção de informações sobre os últimos acontecimentos políticos na província, pois, no convívio com o governador e a oposição, Maria Graham recebia notícias acerca dos eventos e, ao mesmo tempo, investigava de perto os episódios do processo de Independência.

---

<sup>8</sup> Ver relato: “O governador ficou inquieto e ofereceu-se a mandar um grupo de caçadores à procura – como ele gentilmente disse – da minha pessoa. Mas isso foi naturalmente recusado. O capitão assegurou a Sua Excelência que se os patriotas detivessem o seu tenente ele o iria buscar com os seus próprios homens. Quanto a mim, como estava com meus dois companheiros, não tinha o menor receio a meu respeito” (GRAHAM, 1956, p. 131).

A defesa dos interesses britânicos fica mais evidente em sua primeira estadia no território. Contudo, é importante mencionar que ao retornar na condição de viúva e sem a ligação direta com a fragata *Doris*, Maria Graham em um episódio apresentado no *Escorço Biográfico*<sup>9</sup>, recebeu a esquadra imperial em Pernambuco e visitou Manuel de Carvalho Paes de Andrada<sup>10</sup>, comandante em chefe do inimigo. Ela o encontrou sentado à mesa com cerca de 14 pessoas, onde discutiam a situação política da cidade. Manuel de Carvalho buscou averiguar, através de Maria, quais eram os planos de Lorde Cochrane<sup>11</sup> e, após a reunião, segundo os relatos da viajante, Manuel

me suplicava, no caso de lhes faltar sua proteção, que empregasse qualquer influência que pudesse ter junto a Lord Cochrane para recomendá-las à sua misericórdia. Prometi isto prontamente, certa, porém, de que tal recomendação era completamente desnecessária, pois que talvez nunca tivesse havido comandante tão terrível para o inimigo antes da vitória, como tão misericordioso depois dela (GRAHAM, 1997, p. 83).

Podemos perceber que, mesmo após ter se distanciado dos representantes oficiais da Grã-Bretanha e já na condição de viúva, Maria Graham continuava sendo vista a partir de uma posição social de prestígio, pois as pessoas a procuravam para perguntar a respeito dos acontecimentos políticos. Primeiramente com a ligação do marido e, posteriormente, com Cochrane, a viajante se manteve dentro do debate político, no qual buscava se informar, mas, também, era fonte de informações para as pessoas ao seu redor.

### **Maria Graham na província da Bahia**

No contexto da estadia de Maria Graham, a província da Bahia vivenciava os conflitos do processo de independência. A primeira visita da inglesa neste território foi efêmera. Todavia, sua relação com o britânico a quem chamava de Sr. Pennell nos chamou a atenção, em razão da aproximação que teve com sua família e a quantidade de vezes que ele foi mencionado no diário. William Pennell ocupou o cargo de cônsul e, provavelmente, foi o residente britânico mais bem documentado na província baiana do Oitocentos. Sua esposa nunca foi mencionada nos documentos ou nos relatos de Graham;

---

<sup>9</sup> O documento *Escorço biográfico de D. Pedro I com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo*, foi escrito por Maria Graham após a morte do imperador, em 1834. Nele, a autora escreveu sobre o período residido na Corte e na zona rural do Rio de Janeiro, nos anos de 1824 e 1825. Ele é considerado uma continuação do diário publicado em 1824. O documento não foi publicado na Inglaterra, apenas no Brasil, através dos Anais da Biblioteca Nacional.

<sup>10</sup> Manuel de Carvalho Paes de Andrade foi um dos líderes da Confederação do Equador, em 1824.

<sup>11</sup> Thomas Cochrane foi um oficial naval e político britânico. Ele nasceu na Escócia em 1775 e participou das batalhas contra o exército de Napoleão Bonaparte. Na década de 1820, Cochrane ocupou o papel de líder de várias batalhas para o processo de independência no Chile e Brasil.

apenas suas duas filhas. Portanto é possível que ele fosse viúvo e a responsabilidade de administração da casa, o cuidado com o cônsul e outras tarefas tenham sido dever das filhas (GUENTHER, 2001-2002).

No primeiro contato, a convite de Pennell, o viajante permaneceu alguns dias em sua moradia. Passeou pelos arredores da casa, visitou a igreja dedicada à Nossa Senhora da Graça, uma capela inglesa e foi à ilha de Itaparica. Aliás, o cônsul realizou várias reuniões sociais com portugueses e ingleses.

Em 28 de outubro de 1821, o cônsul ofereceu uma festa no campo.

O Sr. Pennell fixou gentilmente o dia de hoje para dar-nos uma festa no campo. Por isso alguns de nossos moços tiveram de ir antes e ajudar a armar as barracas, etc. [...] Em vez de tendas utilizamos uma casa de campo chamada Roça, onde a beleza da situação e a elegância da construção e do jardim supriram o que poderíamos ter achado de romântico nas tendas, se tivessem sido erguidas (GRAHAM, 1956, p. 161).

A relação com William Pennell e sua família foi apresentada no diário através das visitas e dos passeios pela província. Era comum que os cônsules britânicos recebessem os viajantes da Grã-Bretanha, em razão do caráter diplomático, pois eles eram os responsáveis pela interlocução com o governo. Nos espaços de sociabilidade, eram promovidos jantares, festas, cafés e visitas cotidianas. Geralmente, esses espaços referiam-se às casas da elite política as quais Maria Graham frequentava – no caso, Luís do Rego e William Pennell. As redes de sociabilidade podem ser informais ou formais, isto é, podem se caracterizar através das relações familiares e de amizade, ou por meio de associações em clubes e outras instituições (SIRINELLI, 2003). No caso de Maria Graham, por exemplo, percebemos que essas redes eram informais, e muito se construíam em função da sua posição como mulher inglesa, casada com um capitão da Marinha Britânica.

Por meio dessa relação, assinalamos outros papéis das redes de sociabilidade que se manifestaram através da diplomacia com os cônsules, na intermediação de visitas tanto no privado quanto no público, na realização de passeios e na participação em festas. Também observamos esse papel em outras relações no diário, como, por exemplo, com a família de Luís do Rego e visconde do Rio Seco.

Maria Graham acompanhou a filha do cônsul em uma série de visitas aos seus amigos portugueses. Embora não fosse costume realizar visitas no período da manhã, o viajante conseguiu acesso ao espaço doméstico e foi no privado que Maria Graham encontrou várias mulheres sobre as quais relatou em seu diário, afirmando que elas tinham

a aparência de não ter tomado banho, o cabelo mal penteado e roupas muito diferentes da Europa (GRAHAM, 1956). A viajante encontrou as mulheres nas ruas da Bahia e Pernambuco, mas, principalmente, no privado, quando realizou visitas às casas ou participações de reuniões sociais promovidas pelas lideranças políticas. De acordo com Oliveira (2005), era no contato com as mulheres que a inglesa conhecia o espaço privado.

### **A estadia no Rio de Janeiro**

Semelhantemente ao que aconteceu na Bahia, ao chegar pela primeira vez ao Rio de Janeiro, Maria Graham recebeu a visita<sup>12</sup> do cônsul-geral em exercício, o coronel Cunningham, e sua esposa. O coronel foi mencionado no diário em outras ocasiões, como na participação de uma excursão ao Jardim Botânico, proposta por Hayne e sua irmã. Hayne ocupava o cargo de juiz no Tribunal da Comissão Mista no Rio de Janeiro e convidou Maria Graham para o passeio com seu grupo de amigos. Alexander Cunningham era cônsul e Henry Hayne, juiz. Portanto ambos eram britânicos e ocupavam posições na política do Rio de Janeiro e defendiam os interesses da Grã-Bretanha.

Depois de esperar em companhia de nossos agradáveis e bem informados amigos que começasse a soprar a brisa marítima, voltamos parte do caminho ao longo da lagoa, depois subimos ao curato de N.ª S.ª da Cabeça, onde se juntaram a nós várias outras pessoas que ali tinham vindo para jantar conosco. O padre Manuel Gomes recebeu-nos muito amavelmente e nosso piquenique se espalhou pela ampla varanda de seu curato. [...] Andamos até o pé do morro e cada qual tomou um transporte diverso: o coronel e a Sr.ª Cunningham, a sua confortável carruagem inglesa; o Sr. e a Sr.ª Hayne, o seu belo carro descoberto a dois cavalos; e eu em minha caleche, ou sege, – carruagem feia, mas cômoda, muito pesada, mas bem adaptada às estradas rudes que ligam o jardim à cidade. Os homens vieram todos a cavalo e quase todos nós trouxemos algo para casa (GRAHAM, 1956, p. 180-182).

Na análise das redes de sociabilidade, notamos o estabelecimento de relações de amabilidade, em que eram realizados passeios, festas e cerimônias. Em sua segunda visita, por exemplo, Maria Graham, ao passar o dia com a esposa de Hayne, a acompanhou para cumprimentar Ana Vidal Carneiro da Costa, mulher de Luís José de Carvalho e Melo, pelo seu aniversário (GRAHAM, 1956). A relação com a família do juiz era próxima<sup>13</sup>, tendo em vista que ela começa a falar o português, e o idioma ajuda na aproximação com as pessoas. Luís José de Carvalho<sup>14</sup> era desembargador da Relação

---

<sup>12</sup> Em data no diário, a visita foi realizada em 17 de dezembro de 1821.

<sup>13</sup> A filha do casal, Carlota Cecília Carneiro de Carvalho e Melo, foi citada como sua jovem amiga.

<sup>14</sup> Futuro visconde da Cachoeira. Durante outra visita à casa do juiz, dessa vez na companhia do capitão do navio francês *La Susse*, Maria Graham conheceu sua biblioteca e escritório e, através de Carlota, diversos autores da literatura portuguesa, tomando emprestados alguns livros (GRAHAM, 1956).

do Rio de Janeiro e deputado pela Bahia na Assembleia Constituinte. Hayne era juiz do tribunal de tráfico, e, como podemos verificar dentro das redes de sociabilidade no Rio de Janeiro, havia pessoas que compartilhavam os mesmos espaços.

Para além das entradas nos espaços, as redes de sociabilidade auxiliavam a viajante em momentos de dificuldade. Em sua segunda visita ao Rio de Janeiro, dessa vez viúva, Maria Graham teve a ajuda de W. May para obter moradia durante o período de permanência no Império. Isso aconteceu em duas ocasiões. Na primeira, em 14 de março de 1822, May foi a bordo do navio para avisar que a viajante poderia residir na casa de Thomas Hardy até conseguir um espaço para ela. Também em 26 de junho, May e Dr. Dickson lhe ajudaram a mudar para uma casa na praia de Botafogo, pois estava doente e, segundo os amigos, precisava mudar de ares. “Como meu amigo Dr. Dickson, que me tratou durante todo este tempo com uma amabilidade constante, me aconselhou a mudar de ares, ele e o Sr. May arranjaram-me uma casinha na praia de Botafogo” (GRAHAM, 1956, p. 285). Além das visitas<sup>15</sup>, May lhe informava acerca das notícias do governo, das finanças e das atualidades naquele período (GRAHAM, 1956).

Das redes de sociabilidade no Rio de Janeiro, a família de Joaquim José de Azevedo, o visconde do Rio Seco<sup>16</sup>, foi importante para seu acesso em alguns espaços. Certa vez, ao ir à ópera, recebeu o convite da viscondessa<sup>17</sup> para entrar em seu camarote, que era junto ao do príncipe d. Pedro. Apesar de os príncipes não estarem presentes nessa noite, a autora afirmou que teve o prazer de “ver o teatro iluminado, ouvir o hino nacional, e de ver as senhoras mais bem vestidas do que até agora tiveram oportunidade” (GRAHAM, 1956, p. 201). Em outra ocasião, o convite para uma cadeira no camarote foi novamente realizado, no dia em que d. Pedro, dessa vez imperador, conferiu a Ordem do Cruzeiro ao seu marido (GRAHAM 1956).

Nas redes de sociabilidade, Maria Graham e os viajantes da *Doris* ofereciam proteção a alguns personagens que compartilhavam afinidades. Em janeiro de 1822, durante um dos conflitos do processo de Independência, Maria Graham procurou a viscondessa do Rio Seco para avisar que, caso fosse necessário, ofereceria abrigo e proteção, tendo em vista que ela e sua família corriam risco pela posição política. A

---

<sup>15</sup> A viajante realizou visitas e passeios com May, como na cerimônia de Assunção de Nossa Senhora, na qual a comitiva imperial também esteve presente (GRAHAM, 1956).

<sup>16</sup> Em 1826, tornou-se marquês de Jundiá, tesoureiro da Casa Real.

<sup>17</sup> A viscondessa do Rio Seco era sogra de Luís do Rego, personagem apresentado anteriormente no artigo.

viscondessa, segundo a viajante, parecia bastante apreensiva e buscou providenciar segurança à sua família, despachando-a para uma fazenda (GRAHAM, 1956).

Prometemos-lhe que, quando ela fizesse um sinal da casa dela, ou mandasse um recado, teria logo proteção. Ela parece muito apreensiva quanto ao perigo da soltura dos presos concedida pelos brasileiros durante a noite, e disse que há temores de que os portugueses possam tomar as fortalezas do outro lado da baía e as conservem até a chegada dos reforços esperados diariamente de Lisboa. Isso poderia, realmente, ser desastroso, mas creio que o medo é mal fundado. Havendo encorajado minha amiga quanto podia, fomos para o Campo e encontramos os brasileiros instalados, na maior parte, em alguns prédios inacabados (GRAHAM, 1956, p. 204-105).

As redes de sociabilidade colocavam Maria Graham na posição central e, conseqüentemente, dentro da esfera privada e política, devido à aproximação com os personagens elencados no artigo. A posição de viajante inglesa, branca e alfabetizada foi importante para a aproximação com esses personagens, sobretudo a relação com a fragata *Doris*, que estava ligada diretamente à representação da Grã-Bretanha. Ao estar inserida dentro do espaço social do navio, a viajante inicialmente se relacionava com os cônsules britânicos, os comerciantes ingleses e governadores, e, à medida que residia no território, ampliava o contato com os grupos políticos do Império.

Quando não estava na presença das pessoas de suas redes de sociabilidade, as cartas possibilitaram a entrada nos espaços. Maria Graham mencionou a apresentação de cartas em dois momentos. Na visita ao engenho de d. Mariana, localizado na Mata da Paciência – RJ, entregou uma carta da baronesa de Campos, mãe de Mariana. Também, na chegada à Fazenda de Santa Cruz, levou uma apresentação do visconde do Rio Seco para o capitão João da Cruz dos Reis, superintendente do palácio e da fazenda (GRAHAM, 1956). Segundo Oliveira (2005), as cartas nunca eram entregues em seu nome, e, nesse caso, o gênero é um fator de peso maior. Elas representavam um protocolo dos viajantes que permitiam o acesso aos lugares<sup>18</sup>.

As redes de sociabilidade possibilitavam a sobrevivência e proteção no Império brasileiro. Alguns personagens aparecem representados pela figura do “protetor”, como José Bonifácio e Leopoldina. Segundo Américo Jacobina, Maria Graham foi uma grande admiradora da família Bonifácio e chegou a frequentar sua casa<sup>19</sup>, afirmando que “não há

---

<sup>18</sup> Ivania Pocinho Motta, em seu estudo *Viajantes britânicas na América do Sul: gênero e cultura imperial (1868-1892)*, verificou que a viajante inglesa Marianne North afirmava que suas viagens eram isentas de subsídios financeiros do governo, mas, em determinados momentos, apresentava cartas de apresentação para acesso aos lugares (MOTTA, 2015).

<sup>19</sup> No diário, a viajante fez uma breve descrição de sua biografia, mencionando o período em que Bonifácio viveu na Europa e sua passagem pela Universidade de Coimbra e pelo Exército regular (GRAHAM, 1956).

lugar que possa passar meia hora com mais prazer e proveito do que na família deste ex-ministro” (GRAHAM, 1956, p. 340). O relato abaixo, além de demonstrar Maria Graham projetando a imagem de viúva e estrangeira desamparada, nos mostra que, para permanecer no Império, foi necessário se apoiar nas redes de sociabilidade.

Eu, por exemplo, estou sozinha, viúva, em terra estranha, minha saúde está fraca e meus nervos irritados, não tenho riqueza nem posição, sou forçada a receber favores dolorosos e chocantes com os meus hábitos e preconceitos antigos e topo muitas vezes com a impertinência dos que pretendem aproveitar-se de minha situação solitária; mas estou certa, contudo, de que tenho mais meias horas, não ousou mais dizer horas, de verdadeiro prazer, e menos dias de verdadeira miséria, do que a metade desses que o mundo considera felizes (GRAHAM, 1956, p. 343).

Maria Graham descreveu José Bonifácio como seu “amigo e protetor”. A viajante, na condição de viúva e estrangeira, mostrou-se desamparada e conversou com o político para que, através de sua ajuda, pudesse contar com o apoio e proteção da imperatriz enquanto permanecesse no Império (GRAHAM, 1956). Através da carta datada em 21 de abril de 1823, o pedido foi realizado formalmente.

Ao chegar como estrangeira à Capital do Brasil, reconheço que devo ter dado a impressão de falta do respeito devido à S. M. a Imperatriz, por não ter a mais tempo solicitado a honra de me ser permitido prestar-lhe minhas homenagens. Estava, porém, com o encargo de acompanhar um parente em estado grave, e fui obrigada a encerrar-me em casa para assisti-lo. Tendo ele partido, venho recorrer ao seu intermédio para saber se posso apresentar-me a S. M. a Imperatriz e rogar que me sejam comunicados local e hora convenientes e agradáveis. Como sei que os usos desta corte não permitem que qualquer pessoa seja indiscriminadamente admitida à honra de avistar-se com a Imperatriz, confio que serei perdoada por fornecer os seguintes dados acerca de minha pessoa. Meu marido era capitão de carreira da Armada Britânica, da classe mais antiga e, portanto, mais elevada quanto ao nível. Sua família, das mais antigas e respeitáveis na Escócia é a dos duques de Monthes e Athol e dos condes de Mansfield e Hopetown etc. E meu pai, que era almirante na Inglaterra, reivindicava uma ascendência igualmente antiga e honrosa, ainda que não de origem nobre. Quanto a mim embarquei com meu marido em busca do Pacífico na fragata Doris, que ele tinha a honra de comandar. Tive a infelicidade de ficar viúva e sou hoje uma estrangeira no Brasil, onde espero passar alguns meses antes de voltar à Europa. É, pois, como estrangeira e como viúva que quereria colocar-me especialmente sob a proteção de sua Augusta e Amável Imperatriz. Tenho a honra de ser sua humilde e obediente criada. Maria Graham (GRAHAM, 1956, p. 274).

Como viúva e estrangeira, era necessário que Maria Graham buscasse formas de sobrevivência no Império. Acreditamos que a solidão por estar em um território desconhecido e longe de seu país de origem fez com que a autora articulasse meios para se aproximar de determinadas pessoas e entrar em lugares não acessíveis. As redes de sociabilidade com lideranças políticas foram um meio que a viajante encontrou para permanecer no território, pois, como verificamos, foi através da intermediação de José

Bonifácio que a inglesa se aproximou da Família Imperial e, posteriormente, se tornou professora da princesa Maria da Glória e amiga de Leopoldina.

É importante ressaltar que Maria Graham morou cerca de um mês na Corte, exercendo o cargo de professora. A curta estadia se deve ao fato de a viajante ter vivenciado inúmeros conflitos com os criados portugueses, que, segundo suas palavras, inventavam mentiras a seu respeito e não aceitavam que uma inglesa ocupasse um cargo tão respeitável e relevante. Deste modo, após uma série de intrigas, Maria Graham saiu do palácio e foi morar em Laranjeiras, uma zona rural do Rio de Janeiro.

Durante este período, ela passou por dificuldades financeiras e Leopoldina foi a responsável por ajudá-la. Na carta escrita pela Imperatriz, em 1º de março de 1825, ela agradeceu o companheirismo e a afeição da viajante, e lhe ofereceu 40 mil réis, cerca de 10 libras para auxiliar as necessidades de Maria Graham.

Minha delicadíssima amiga! Não gosto nunca de lisonjear, mas posso assegurar-vos que somente em vossa cara companhia torno a encontrar os doces momentos que deixei com minha amada e adorada pátria e família. Só as expansões em um coração de uma verdadeira amiga podem promover a felicidade. Aguardo com a maior impaciência a certeza de que estais completamente reestabelecida; ousou rogar-vos, como uma amiga que se interessa realmente por tudo que vos diz respeito, que espereis que eu promova uma ocasião em que possais ver meus filhos, porque, por tudo deste mundo, quero vos evitar serdes tratada grosseiramente por certas *pessoas*, que cada vez me são mais insuportáveis. (...) Minha cara e muito amada Amiga, jamais, crede-me, ousaria ofender vossa delicadeza. Mas, como amiga, e uma que partilha sinceramente vossos prazeres e tristezas, podendo imaginar que sofreis privações, ousou rogar-vos que aceíteis como um presente de amizade esta pequena ninharia em dinheiro que me vem do meu patrimônio na minha cara Pátria. Ainda que seja pouca cousa, infelizmente minha situação não me permite, tanto quanto desejo, ajudar-vos a obter algumas comodidades (...).  
*Leopoldina* São Cristóvão, 1º de março de 1825 (GRAHAM, 2010, p. 184-185).

É interessante notar a importância das redes de sociabilidade durante sua estadia no Império do Brasil, sobretudo após o falecimento do marido. Bonifácio e Leopoldina foram personagens importantes que atuaram na relação de proteção. A amizade de Maria Graham e a Imperatriz pode ser verificada através das inúmeras cartas trocadas entre ambas. Mesmo após o retorno da viajante para a Inglaterra, elas continuaram a se comunicar.

### **Considerações Finais**

Maria Graham viveu um longo período no Império do Brasil. Ela chegou casada com um capitão da Marinha Britânica e retornou na condição de viúva. Para o contexto



histórico em que estava inserida, sua experiência ultrapassa as normas sociais estabelecidas para as mulheres de sua etnia e classe social, isto é, aos ideais da domesticidade em que o feminino era relacionado ao espaço doméstico.

Diferentemente de muitas mulheres inglesas, Maria Graham viajou pelo mundo e transitou por espaços públicos e políticos. Para a realização de suas atividades no Império do Brasil, as redes de sociabilidade foram de suma importância em sua trajetória. Através destas redes, a viajante obteve informações, presenciou conflitos e debates políticos que envolviam os interesses britânicos, e se beneficiou de passeios, visitas ao ambiente doméstico e participação em festas e encontros sociais; e obteve ajuda e proteção em episódios de dificuldades, especialmente após ter ficado viúva. Nesse sentido, podemos concluir que Maria Graham sabia sobreviver dentro das possibilidades da época. Suas redes de sociabilidades apresentam as negociações e estratégias utilizadas por uma mulher inglesa que devido aos acontecimentos inesperados do cotidiano, precisava encontrar meios para solucionar os problemas.

### Fontes

GRAHAM, Maria. *Correspondência entre Maria Graham e a imperatriz dona Leopoldina*. Trad. Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

CALLCOTT, Maria. *Escorço biográfico de d. Pedro I*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Trad. Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

\_\_\_\_\_. *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme & Brown; and John Murray, 1824.

### Referências Bibliográficas

GOTCH, Rosamund. *Maria, Lady Callcott. The Creator of Little Arthur*. London: John Murray, 1937.

BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

BICALHO, Maria Fernanda. *A cidade e o Império. O Rio de Janeiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 133-152, 2008.

FERGUSON, Niall. *A Praça e a Torre: Redes, Hierarquias e a Luta pelo Poder Global*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

GUENTHER, Louise. *The British community of 19th century Bahia: public and private lives*. Oxford: University of Oxford Centre for Brazilian Studies, 2001-2002.

MOTTA, Ivania Pocinho. *Viajantes britânicas na América do Sul: gênero e cultura imperial (1868-1892)*. 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NUNES, Ana Beatriz Mauá. *Tan criolla, criolla como yo: identidade, política e gênero nas correspondências de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, 1926-1956*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva de. *Livros de viagem: relatos de viajantes estrangeiros e a zona de contato nas províncias do Norte do Brasil no século XIX (1809-1826)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PORTO, Denise Maria Couto Gomes. Crises, nova onda constitucionalista e impressões sobre Pernambuco, na voz feminina e estrangeira de Maria Graham – 1821. III SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL NO SÉCULO XIX, 2018. *Anais [...]* Natal: SEO Sociedade Brasileira de Estudos dos Oitocentos, v. 1, 2018. p. 1-12.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império*. Relatos de viagem e transculturação. São Paulo: Edusc, 1999.

QUIRÓS, Pilar González Bernaldo de. La sociabilidad y la historia política. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Paris, 2009.

RICUPERO, Rubens. O Brasil no mundo. In: SILVA, Alberto da Costa e (Coord.). *Crise colonial e Independência 1808-1830*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 115-160.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis*. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Any Marry. *Maria Graham: a performatividade nos diários de viagens da América do Sul no século XIX*. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

SILVA, Alberto da Costa e. As marcas do período. In: SILVA, Alberto da Costa e (Coord.). *Crise colonial e Independência 1808-1830*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 23-34.

SILVA, Elis Pacífico. *A construção de uma identidade nacional brasileira em visões estrangeiras (1808-1822)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Réne (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SORGINE, Juliana Ferreira. *Da colônia às Cortes. A formação da Junta Governativa de Goiana e a crise do Antigo Regime Português em Pernambuco (1821)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

VALE, Brian. *A frigate of King George: life and duty on a british man-of-war*. Londres/ Nova York: I. B. Tauris, 2001.